

Atrás da história do coronel Percy Fawcett

O executivo e aventureiro James Lynch volta às trilhas mais difíceis para tentar refazer a rota do explorador inglês desaparecido

Edição de Arte/Gazeta Mercantil

por Luiza Pastor de São Paulo

Quando o executivo do grupo financeiro corporativo do Chase Manhattan Bank, James Thurston Lynch, entra na confortável sala refrigerada, no último andar de um moderno prédio da zona sul de São Paulo, pode-se imaginar que o assunto em pauta seja a reestruturação financeira ou o planejamento estratégico de alguma grande empresa cliente da instituição. Normalmente, na verdade, até seria - afinal, essa é a rotina do seu dia-a-dia há dezenove anos. Mas, por difícil que pareça imaginar, o tema da conversa desse executivo de 41 anos, impecável terno azul-marinho e óculos de

finos aros dourados, nem um único fio do cabelo loiro fora do lugar, são os 2.500 quilômetros de poeira, lama, selva e muita aventura que pretende enfrentar, em junho próximo: Lá por meados desse mês, Lynch vai dar a largada oficial de seu mais recente projeto off-road, a expedição "Na trilha do coronel Fawcett".

A expedição, que deverá durar de duas a três semanas, está sendo organizada há meses por Lynch e seu colega de aventuras de longa data, Rene Delmotte - outro que, quando não está pensando em como entrar e sair de lamaçais variados, cuida da área de exportações da Mercedes-Benz do Brasil. O "book"

que apresenta a proposta da expedição para os potenciais patrocinadores foi meticulosamente elaborado e já está em mãos de alguns dos empresários que patrocinaram os "raids" (modalidade de rali onde não há premiação) organizados pela dupla nos últimos dois anos, como a Axe, da Gessy Lever, e a fabricante de guinchos elétricos Warn.

Se o mote da aventura dos anos anteriores era percorrer determinada distância nas piores circunstâncias possíveis, a expedição deste ano terá um enfoque bem diferente - se não menos desconfortáveis para aqueles que não passam sem um bom banho de água quente. A intenção de Lynch & Cia. é investir entre R\$ 200 mil e 250 mil para percorrer a rota que teria sido seguida na Amazônia pelo coronel e explorador inglês Percy Harrison Fawcett (1867-1925?), na década de 20, em busca das ruínas de uma lendária Cidade Perdida, algo entre o Eldorado e as civilizações desaparecidas da Atlântida. A última notícia oficial que se teve de Fawcett, que seguiu a trilha acompanhado de seu filho e de um amigo, foi em maio de 1925, quando uma carta sua chegou a Londres relatando estar em eles em uma região chamada de "Campo do Cavalo Morto", em homenagem a um animal perdido pelo coronel Fawcett. Como esse local teve suas coordenadas geográficas indicadas por ele, o mesmo se-

rá um dos pontos críticos da jornada, que partirá de Cuiabá (MT), passando pelo Parque Nacional do Xingu, em uma longa e difícil volta.

Para cumprir a missão, Lynch programou uma viagem que envolverá trechos de estrada para veículos off-road, rios de diferentes tamanhos e condições de navegação e trilhas a serem percorridas a pé. Como única concessão ao mundo civilizado, está previsto o transporte aéreo e por rodovia (oficialmente pavimentada) dos equipamentos e participantes da expedição até Cuiabá, além da infra-estrutura de telecomunicações, que incluirá rádio e GPS (Global Positioning System, sistema de localização global que utiliza rastreamento por satélite). Posteriormente, o jornalista e escritor Hermes Leal, que vai acompanhar a viagem e escrever o relato oficial da empreitada, viajará até Londres para entrar em contato com a família de Percy Fawcett e tentar obter de seus descendentes alguma amostra de tecido, sangue ou cabelo que permita a realização de testes de DNA, para identificar geneticamente se uma ossada encontrada pelos irmãos sertanistas Villas Boas na aldeia dos índios Kalapalos, na década de 50, pertence ou não ao explorador. Na época do achado, a ossada chegou a ser enviada à Inglaterra, mas a família não acreditou que pertencesse a Fawcett, o que poderá ser esclarecido agora definitivamente.

Ponto Z: entre o Xingu e o Araguaia

A vinda do coronel inglês Percy Harrison Fawcett ao Brasil foi provocada pela necessidade de se indicar um profissional neutro para demarcar as fronteiras de Brasil, Peru e Bolívia na região amazônica. Experiente nesse tipo de atividade no Exército britânico da África e apaixonado por arqueologia, Fawcett não se fez de rogado e aceitou a tarefa. Ao conhecer as lendas de cidades perdidas, frequentes naquela região, logo se interessou por aprofundar as pesquisas, seguindo com pequenos grupos por rotas que evitava detalhar para fugir da acirrada rivalidade de seus colegas da Real Sociedade Geográfica inglesa.



Percy Harrison Fawcett

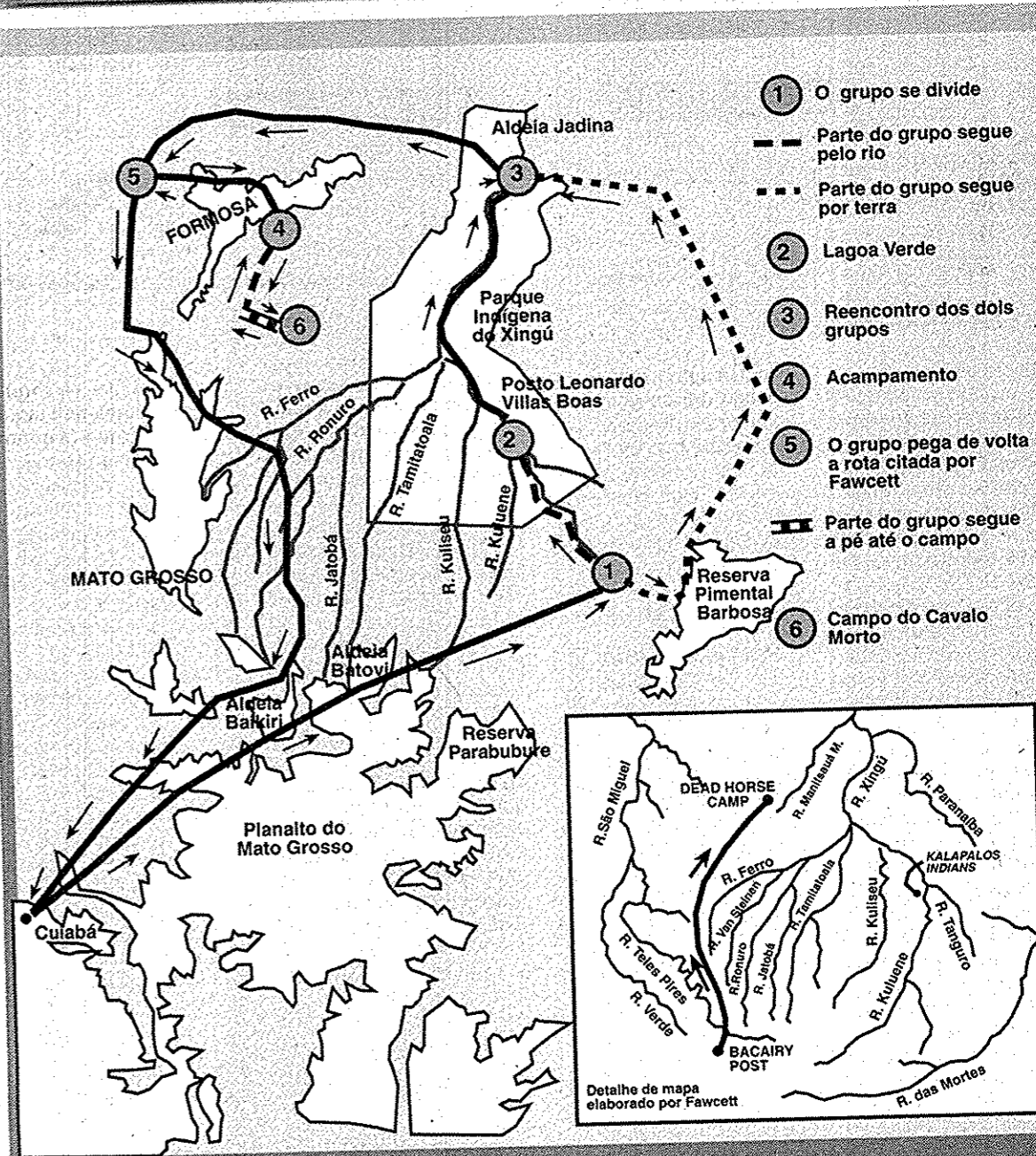
Dada a seriedade de seus estudos e o respaldo da instituição inglesa, Fawcett granjeou apoio, também no Brasil, de figuras tão notórias e diferentes quanto o então ainda general Cândido Rondon, pioneiro na questão indígena do País, e o jornalista Assis Chateaubriand. O "Ponto Z", onde ele acreditava ficarem as ruínas da Cidade Perdida, se localizava em algum lugar entre o Xingu e o Araguaia. Zeloso com o sigilo e confiando em sua intuição - que não excluía o misticismo -, Fawcett teria divulgado uma rota fictícia, que sai de Cuiabá em direção ao norte, passando pela região onde hoje fica a reserva dos índios Baikiris, do lado esquerdo do atual Parque Nacional do Xingu, até o local denominado por ele "Campo do Cavalo Morto" (ver mapa nesta página). Daí, ele afirmava pretender virar à direita, cruzando o rio Xingu em direção ao Araguaia. Só que a última notícia oficial dele saiu do "Campo do

Cavalo Morto". Depois disso, e apesar das inúmeras expedições que tentaram descobrir seu paradeiro, só se teria algo mais concreto sobre sua jornada na década de 50, quando os irmãos sertanistas Villas Boas descobriram, junto aos índios Kalapalos, às margens da Lagoa Verde, muito fora da rota prevista, a ossada de um homem branco cuja história, contada pelos índios, encaixava com o que se sabia de Fawcett e seu pequeno grupo.

Da expedição à Lagoa Verde participou um dos filhos de Fawcett, Brian, que levou a ossada à Inglaterra, e que negou que fosse a de seu pai. A ossada voltou ao Brasil e ainda aguarda identificação, sabendo-se apenas, oficialmente, que seria de um homem branco. A Lagoa Verde, por tudo isso, foi incluída na rota da expedição organizada por Lynch, que pretende ouvir de viva voz dos Kalapalos - que ainda hoje ocupam a região e mantêm sua cultura transmitida oralmente - a história contada a Brian Fawcett e os Villas Boas.

(L.P.)

A rota da expedição



Fonte: James Lynch